

Sexualidade, Política e Religião

Mediada pelo ator, compositor, antropólogo e carnavaquista Fabio Figueiredo – também diretor de documentários cult com temática LGBT –, a mesa Sexualidade Política e Religião trouxe Sergio Viula, autor do livro *Em Busca de Mim Mesmo*, no qual discute os dilemas enfrentados até aceitar sua homossexualidade e assumir que a chamada “cura gay” não funciona; a pesquisadora sobre laicidade e fundamentalismo religioso Tatiana Lionço; e a atriz e modelo transexual Viviany Beloboni, que protagonizou a “performance da crucificação” durante a Parada do Orgulho LGBT de 2015.

Sergio Viula começou sua fala dizendo o quanto o processo da chamada “cura gay” envolve “muito mais violação do que se imagina”. “Enquanto fui pastor da Igreja Batista, ouvi muita coisa absurda ser dita sobre sexualidade, especialmente sobre a homossexualidade, a travestilidade e a transexualidade. Uma das primeiras era chamar de ‘gay mal resolvido’ qualquer pessoa que não fosse gênero conformada, mais ‘mal resolvida’ ainda que aquela que andava de terninho e gravata”. E emendou dizendo quem não está na igreja – “ou nunca esteve ou esteve, mas não era gay, ou era gay, mas não se aproximava da liderança e não expressava sua sexualidade” – não faz ideia da crueldade praticada nesses grupos. “E a crueldade é maior quanto maior é a suavidade com que se fala sobre isso lá dentro”, contou. “Então, gays que frequentam a igreja e que acham que são aceitos, peguem na mão do seu namorado e deem um beijo nele, ou então peçam ao pastor para ele abençoar o seu namoro – como ele faz com a menininha e o menininho –, diga para o pastor que ontem Deus te abençoou com um bofe escândalo na boate e que fui muito mais do que você pediu. Eu cansei de ver gente na igreja ser excluída porque ‘caiu no pecado da homossexualidade’”. E explicou como a coisa funciona: quem se “cura”, mas tem uma “recaída”, conta para o pastor, que coloca então essa pessoa “em disciplina” e nada desse processo é sequer mantido em segredo. “Quando eu era pastor não expunha a vida das pessoas, mas fui crente durante 18 anos e ouvia os desabafos, eu sabia quem cantava lindamente no coral, parecia um serafim, e lá fora era podre. Traía a mulher direto e depois estava lá nas reuniões orientando outros casais sobre terem um casamento abençoado. Tinha marido que batia na mulher, tinha mulher que reclamava que o marido queria comer ela por trás e ela não queria dar e ele não aceitava – aí vai procurar quem? Adivinhem?”

Tatiana Lionço centrou-se na importância de se levantar contra o fundamentalismo religioso verificado hoje no Brasil – e que foi tratado também em outros momentos da conferência. Uma luta que, ao contrário do que se pode imaginar, não visa ferir as liberdades de culto, mas sim salvaguardar a integridade física, emocional e psicológica dos indivíduos. “Mesmo porque o que essas pessoas estão fazendo não é cultivar comunidades de fé. Elas estão engendrando um projeto de tomada de poder muito bem desenhado”, alertou, emendando que não coloca os evangélicos como os grandes autores desse plano – engano comum e que em nada contribui para o debate. Tatiana fala mesmo em empresários da fé. “São pessoas não acreditam no que elas mesmas propõem no Congresso Nacional”, disparou. “O que ocorre é uma estratégia política, com base na construção de polaridades morais, com altas

doses de distorção da nossa luta política, e que é forjada. É feita uma barganha. Eles apresentam para as pessoas duas possibilidades: aliarem-se aos 'anormais' ou aos cidadãos de bem? E para isso jogam com Deus, com a moral e os bons costumes, e com a família tradicional”.

Por trás desse movimento está o que Tatiana chamou de tentativa para estabelecer nichos eleitorais bem demarcados. “E dentro disso, eu não vejo como pano de fundo desse debate o respeito à livre consciência, mas sim qual o projeto político que nós defendemos e qual o projeto político que essa gente defende. E eles já disseram a que vieram, haja vista a série de projetos de lei que tendem a criminalização. Eles estão o tempo todo construindo inimigos a serem derrotados – palavras usadas por eles. E quem são esses inimigos? Mulheres, pessoas LGBT, e toda e qualquer pessoa que possa ser associada a algo imoral, como os usuários de drogas, por exemplo. E a justificação desses projetos de lei, e o debate público que eles realizam, estão voltados para dizer que a ‘ideologia de gênero’ – termo inventado por eles – faz parte de um complô global com as Nações Unidas – movimentos feministas, LGBT etc. – para a destruição das famílias e degradação moral da civilização. Uma coisa bem paranoica e projetiva”.

Por fim, Viviany Beloboni falou sobre como foi criticada dentro do próprio movimento quando da sua performance durante a Parada do Orgulho LGBT do ano passado. “Criticaram o fato de eu ter usado o termo homofobia e não transfobia”, explicou. “O que poucos quiserem entender é que eu usei homofobia porque, infelizmente, a maioria da população heterossexual entende o preconceito contra as pessoas LGBTs como homofobia. Para a maioria das pessoas, não interessa se você é gay, lésbica ou trans, você não é hétero”.

A modelo disse também que acreditava que a quantidade de pessoas que a Parada atrai iria ajudar que as vozes que ali se expressavam fossem melhor ouvidas – “e que isso poderia ter algum efeito sobre as leis”. Mas, segundo ela, a coisa não funciona assim. “Não adianta quantas pessoas se juntem ali, as coisas não mudam. Porque os evangélicos, por exemplo, são muito mais unidos que nós, LGBTs. Eles se organizam de uma forma que estão conseguindo chegar em todas as áreas que vocês possam imaginar. Eu não tenho nada contra os evangélicos, queria deixar isso bem claro, mas essa é uma realidade que a gente tem visto. Esses religiosos têm se articulado de uma forma que nós – gays, trans, lésbicas, bi, o que for – já deveríamos ter feito há muito tempo”.

E, questão da plateia – levantada por uma pessoa não identificada: Será que a Parada do Orgulho LGBT corre o risco de virar uma Marcha Gay para Jesus? “Porque eu tenho visto uma invasão muito grande dessas igrejas inclusivas – e eu respeito todas elas, porque sei que, muitas vezes, é o lugar em que a pessoa encontra, na fome, na dor, expulsa de casa, sofrendo todas essas situações que a gente sabe que sofre”, disse a integrante da plateia. “Mas assim como a Tatiana falou, eles têm um projeto político de poder contra o qual a gente está reagindo. Eu vejo essa ‘invasão’ como uma forma de fazer uma política seletiva. Você pode ser gay, mas não pode ser afeminado, você não pode ser trans, não pode isso, não pode aquilo, não pode beber, tem que dar o

dízimo, enfim, vai fazendo umas seleções que acaba fomentando reações como as que a gente viu acontecer contra a performance da Viviany, vindas de uma classe de gays absolutamente conservadores e preconceituosos”. O que você acha?